[Recensão a] Andrei Aricescu, Armata in Dobrogea Romana

Autor(es): D'Encarnação, José

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/45730>

DOI: DOI:https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_19_10

Accessed : 26-Apr-2023 04:31:13

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XIX

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1980

ANDREI ARICESCU, *Armata in Dobrogea Romana*, Editura Militară, Bucuresti, 1977, 312 pág., ilustrado.

Baseando-se em fontes literárias, epigráficas e arqueológicas, Andrei Aricescu procura delinear um quadro o mais exaustivo possível das relações entre o exército romano e o território designado por Dóbruja, que abrange sensivelmente o espaço romeno compreendido entre o rio Danúbio e o Mar Negro, região densadamente ocupada ao tempo dos Romanos, dada a sua fertilidade e situação.

Escrito em língua romena, o livro insere extensos resumos em Inglês (p. 234-254), Francês (p. 255-275) e Russo (p. 276-286), bem como índices muito úteis elaborados como os do GIL.

Após uma panorâmica dos progressos da investigação histórico-militar da Dóbruja romana (cap. I), o Autor enumera os dados colhidos sobre o exército romano durante o Alto Império (cap. II, p. 24-106) — legiões, tropas auxiliares e organização militar do território. O capítulo III (p. 107-133) estuda o Baixo Império: a composição do exército na sua dupla divisão de *Ripenses* e *Comitatenses* (estes, como é óbvio, de escassa representação ali), e a organização militar do território. Procura-se estudar no capítulo IV (p. 134-178), fundamentalmente com base nos itinerários e também nas pesquisas arqueológicas, quais as fortificações erguidas pelo exército e quais as vias de maior valor estratégico; aí, é importante o trabalho de identificação toponímica levado a efeito por Aricescu. O capítulo V — *Aspectos da vida dos soldados* — pequeno em extensão (p. 179-187), trata da existência de colégios e considera as divindades de cuja veneração restam vestígios epigráficos, aí se verificando a constante doutrinas zonas do Império: o soldado é elemento difusor da religião romana clássica e dos cultos recentemente introduzidos. Representando como que a súpula do trabalho, o capítulo VI (p. 188-197) analisa o papel relevante desempenhado pelo exército no processo de romanização do território dobrujano — os trabalhos públicos, a acção nos *canabae*, os veteranos.

Enriquecem o livro um suplemento prosopográfico relativo aos soldados e aos veteranos, apresentados segundo o corpo militar a que pertencem; um outro, epigráfico, apresentado nessa mesma ordem, que inclui os diplomas respeitantes ao exército da Mésia e da Mésia Inferior; e um terceiro menciona as fortificações referidas pelos textos antigos e localiza os povoados sítos ao longo das vias estratégicas.

Os índices analíticos revestem-se também da maior utilidade. Só estimariamos que, a propósito dum personagem, se mencionasse não apenas a página do texto onde ele é comentado mas também a página (ou o número) do documento epigráfico que lhe diz respeito no suplemento. De facto, muito bem apresentado tipograficamente — as gravuras e as fotos são, no geral, de boa qualidade (uma distracção na pág. 182, com a foto ao contrário)—, o volume põe, à partida, um problema metodológico que gostaríamos de ter visto discutido: o do valor probatório dos documentos utilizados, problema

que G. Forni equacionou convenientemente (*Estrazione étnica e sociale dei soldati delle legioni*, «Ausstieg und Niedergang der Römischen Welt» II, I, 1974, p. 339-391, sobretudo p. 344-348).

Para se provar que um corpo militar actuou em determinado local, dispomos efectivamente de fontes literárias, arqueológicas e epigráficas. Ressalvando-se a tendência ideológica do autor (facilmente detectável em geral) as fontes literárias dão-nos pistas válidas, embora habitualmente vagas e pouco sistemáticas.

Os vestígios arqueológicos —* sobretudo quando apoiados pelas fontes escritas ou pela Epigrafia — são de imenso valor e praticamente irrefutáveis: a descoberta dum acampamento, de fortificações, de tijolos marcados, prova indubitavelmente a presença duma força militar.

Quanto à documentação epigráfica, porém, há que utilizá-la criteriosamente: os textos monumentais assinalando a actividade duma legião ou duma vexilação (n.º 14 = GIL III 6166, n.º 25), os textos votivos mandados lavar por um corpo militar (n.º 69 = GIL III 14 433) ou por um soldado no activo (n.º 35 = GIL III 7483), por exemplo, podem ser aduzidos como provas, sem grande necessidade de demonstrações ulteriores. O mesmo não sucede, todavia, com as inscrições funerárias, mormente quando respeitam a veteranos ou quando erigidas por familiares.

Se um soldado morre em combate e um companheiro de armas ou irmão (n.º 53) lhe erige um monumento — é bem possível que o destacamento a que ambos pertencem tenha actuado no local em que o monumento epigráfico se achou; mas se os dedicantes são, afinal, os seus parentes, arriscamo-nos a afirmar que a unidade a que ele pertencia esteve na... sua terra natal (cfr. o citado artigo de Forni, p. 364). E o número de textos epigráficos não é suficientemente grande para abalizar certezas (idem, p. 344).

Quanto aos veteranos, se é certo que muita vez os longos períodos de serviço acabavam por enraizar o soldado ao local onde passara grande parte da sua vida (sobretudo após a autorização para casar outorgada por Septímio Severo (193-211) —cfr. FORNI, art. cit., p. 361, n.º 67), e o surgir duma vida mais buliçosa nos *canabae* (cfr. G. R. WATSON, *The Roman Soldier*, Bristol, 1969, p. 140-141) — o normal seria o regresso à terra de origem, onde podia ainda exercer funções prestigiosas (cfr. Emílio GABBA, *Esercito e Società nella Tarda Repubblica Romana*, Firenze, 1973, p. 140) ou fixar-se em cidades próximas, onde o requinte da civilização compensaria quiçá as agruras duma vida na guerra. Tomis, actual Constantza, poderia ter sido um desses locais de atracção — inúmeros veteranos se memoram em documentos epigráficos aí encontrados. Daí, a dificuldade: um texto como GIL III 12 498, relativo a um veterano da VII Legião Cláudia, cujo epitáfio foi erigido em Tómis pelos herdeiros e pela mulher (p. 44 e p. 221 n.º 60) não pode justificar, de per si, que essa legião actuou na Dóbruja; Andrei Aricescu, evidentemente, não o afirma aqui, mas o facto de não ter posto o problema metodológico pode induzir a ambiguidades como a que lemos no resumo francês, a propósito da Ala I Asturum: «L'unité se trouvait en Mésie

dès l'époque de Vespasien, vu l'inscription funéraire du vétéran *Ti. Claudius Saturninus*, retiré à Tomi» (p. 259, texto p. 50-51, inscrição n.º 71). Claro que A. Aricescu não se baseia apenas nesse epitáfio mandado gravar (mais uma vez) pela mulher e pelos filhos do veterano, para fazer essa afirmação — mas o raciocínio é, pelo menos, pouco claro, mormente quando se trate de corpos militares atestados somente por inscrições de veteranos (*Legio II Augusta*, *Legio VII Claudia*, *XII Fulminata* e *II Herculia*).

A. Aricescu reuniu inúmera documentação (142 epígrafes), e um que outro pequeno ajuste de raciocínio, feito inclusive à luz de novos achados, não deslustra de forma alguma o grande alcance histórico do seu trabalho.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Hans-George PFLAUM, *Afrique Romaine—'Scripta Varia* /, Paris, 1978, 458 pág..

A importância da investigação levada a efeito por H.-G. Pflaum não precisa demonstração. Para além de *Les Procurateurs équestres sous le Haut-Empire romain* (Paris, 1950) e de *Les carrières procuratoriennes équestres sous le Haut-Empire romain I-IV* (Paris 1960-1961), Pflaum realizou vasta série de trabalhos incluídos nas mais diversas publicações, ao longo de mais de 50 anos dedicados ao estudo da História romana, mormente com base na Epigrafia.

E se a miúda máquina administrativa de todo o Império Romano o tem interessado sobremaneira — mediante cuidada análise prosopográfica — os territórios romanos de África ocuparam até hoje parte relevante da sua atenção (vejam-se os dois monumentais volumes sobre as inscrições da Numídia).

Afrique Romaine é uma antologia de estudos epigráficos justamente sobre a África Romana. Promoveram-na os alunos da Escola Prática de Altos Estudos, em jeito de homenagem aos venerandos 75 anos de idade do seu eminente Mestre.

Explicam-se, em *avant-propos*, as razões da iniciativa (quanto a nós, é tão oportuna que se justifica a si mesma...) e insere-se, depois, a lista dos primeiros subscritores.

Cada texto apresenta dupla paginação — a do volume, seguida, e a versão original—o que se reveste da maior utilidade*, as referências bibliográficas são, tanta vez, incompletas, obrigando a tremendas perdas de tempo, que não se pode deixar de aplaudir tudo quanto se faça no sentido do rigor e da eficácia.

Outro aspecto positivo: a inserção integral, por ordem cronológica. Poderiam os promotores ter cedido à tentação de omitir aquele texto de menos de uma página [*A propos d'une inscription d'Utique*, pág. 374, por exemplo]